

PREMONIÇÕES

Ritinha sempre foi menina precoce, muito diferente das duas irmãs mais velhas. Com poucos meses de vida, já se punha de pé no berço e quando começou a falar, logo articulou pequenas frases, expressando vontades próprias. Mas não eram vontades triviais, e sim pedia que lhe contassem histórias de fadas e duendes. Precisou de pouca ajuda para aprender a ler e a escrever, muito antes de ser matriculada na escola. Começou escrevendo pequenas cartas aos primos que moravam em outra cidade, mas logo ensaiou pequenos contos e até se aventurou em versos e quadrinhas, com as quais ria e se divertia com as colegas. Também tinha facilidade para o aprendizado de línguas estrangeiras, tanto que, quando se formou em Psicologia, já falava inglês fluentemente. Em Cascavel, cidade paranaense onde morava, todos a tinham como pessoa de excepcional inteligência.

Uma coisa, porém, intrigava seus pais. Quando criança, Ritinha várias vezes adivinhou eventos futuros, fazendo premonições que os deixavam surpresos. Como quando a família, aproveitando um fim de semana prolongado, resolveu fazer um passeio à praia. Ela, com a maior naturalidade, afirmou que teriam que voltar de ônibus. Dito e feito. Uma pane no carro, que não era tão velho assim que pudesse dar problemas sérios, obrigou-os a deixá-lo na oficina para o devido conserto, que demoraria alguns dias. Como os pais de Ritinha tinham obrigações a cumprir, o jeito foi mesmo voltar de ônibus.

Outro incidente ocorreu quando ela cursava o terceiro ano do grupo escolar. Às vésperas do feriado da Independência do Brasil, a escola preparava-se para o desfile majestoso pelas ruas principais da cidade, com bateria ensaiada, uniformes bem limpos e passados, sapatos engraxados e cabelos bem penteados, tudo enfim arrumado para apresentação de gala. Faltava ainda uma semana para o evento quando Ritinha, como se estivesse a dizer a coisa mais trivial do mundo, comentou: “Não vai ter

desfile por causa da chuva que vai cair”. O desfile foi mesmo suspenso em razão das chuvas torrenciais que caíam há mais de 24 horas.

Esses fenômenos de premonição foram gradativamente desaparecendo na adolescência de Ritinha. Quando de seu ápice, seus pais haviam consultado vários psicólogos a fim de compreender o que acontecia com a filha, mas as explicações eram vagas e imprecisas. Apenas em um ponto estavam de acordo: tratava-se de um fenômeno paranormal que ainda era objeto de estudos pelos psicólogos. Com o desaparecimento dos fenômenos, contudo, ficaram mais tranquilos.

Na universidade, Ritinha distinguia-se pelas notas altas em todas as matérias e por ter muitas amigas. Uma delas, Soraia, era a mais chegada de todas. Estudavam juntas, faziam trabalhos escolares juntas, iam a encontros e festas juntas. Todas as colegas sabiam que eram amigas inseparáveis. Certo fim de semana, Soraia confidenciou-lhe que iria de avião a São Paulo visitar alguns parentes que lá residiam, mas voltaria no domingo mesmo. Ritinha lamentou, no momento, que não pudessem assistir, no sábado, a um novo filme que estava entrando em cartaz. Mas afirmou, com ar de frustração, “Iremos outro dia então”.

Na noite anterior ao dia em que Soraia iria embarcar, Ritinha acordou, altas horas, assustada e chorando muito, que até mesmo seus pais, que dormiam no quarto contíguo, despertaram com os gritos dela e correram para ver o que estava acontecendo. Ritinha, entre soluços, mal conseguiu dizer: “Eu vi o avião de Soraia despencando no ar como uma pluma que cai”...

Viganó

darly.vigano@gmail.com